

Brazlândia opera "no limite"

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

MARCOS HENRIQUE

Espaço e pessoal. Estes são os principais problemas enfrentados hoje pelo Hospital Regional de Brazlândia, a 50 quilômetros do Plano Piloto. Oitenta e um leitos e mais de 100 pessoas por dia no Pronto-Socorro, o HRB opera "no limite" e não tem condições de receber sequer um paciente que por acaso seja transferido de outra unidade hospitalar da FHDF.

O Hospital de Brazlândia, como todos que atendem ao homem do campo, carece de atendimento mais sofisticado, obrigando a transferência de pacientes para outras unidades maiores. Dois meses depois do final da greve dos médicos, o hospital continua com a maioria dos itens levantados pela comissão do Sindicato dos Médicos dependendo de resolução imediata.

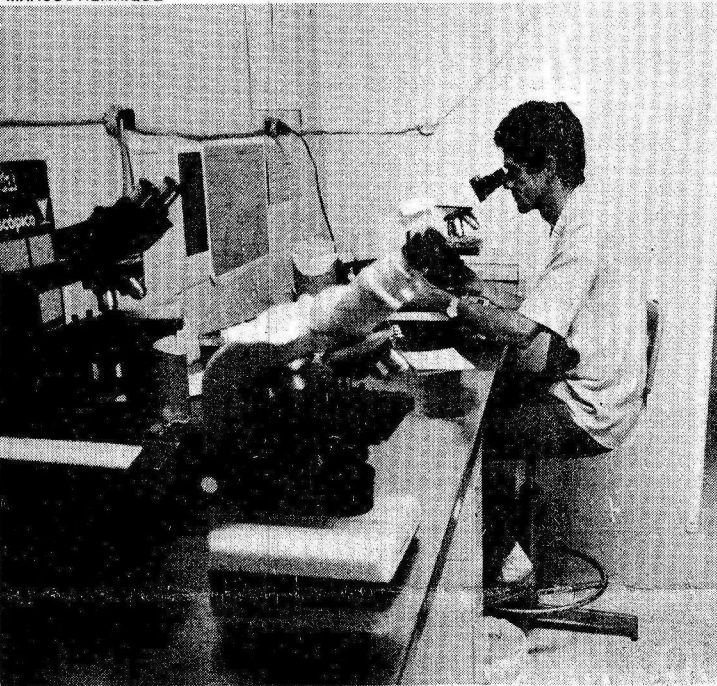
O HRB atende pacientes das cidades de Padre Bernardo, Corumbá de Goiás e Miquelândia, além dos moradores da própria cidade. Isto provoca, frequentemente, problemas no atendimento, o que implica transferência para o Hospital de Base. Este círculo vicioso parece não estar desfeto, mesmo com a desativação de parte do HBB, um "hospital referência por sua capacidade de atendimento de vários casos", comenta o diretor do hospital de Brazlândia, Francisco Gomes de Castro.

PROBLEMAS

Durante a visita do **CORREIO BRAZILIENSE** ao hospital de Brazlândia, um dos dois dentistas lotados naquela unidade apelava desesperadamente pela sua transferência, já que tinha arrumado "uma vaga em outra unidade da Fundação Hospitalar do Distrito Federal". O diretor Francisco Gomes de Castro pensou um pouco e perguntou se ele tem um substituto. O médico respondeu que não, mas justificou que é uma transferência provisória, e até o início de janeiro. O diretor argumentou que vai ficar com apenas um dentista no hospital, o que provocaria problemas no atendimento. O médico insistiu e alegou que é o mais velho profissional daquele hospital. A negativa definitiva do diretor veio com a justificativa de que as contratações estão proibidas e outro médico não poderia ser deslocado para a vaga criada com a possível transferência.

Este parece ser o maior problema hoje enfrentado pelo hospital de Brazlândia. Ninguém quer ficar a 50 quilômetros do Plano Piloto (e muitas vezes, a depender do lugar onde mora no Plano, a distância pode até dobrar). O diretor Francisco Gomes de Castro lamenta que não exista uma política de incentivo para os profissionais que trabalham em unidades longe de suas casas.

Um exemplo de dificuldade é



Laboratório: falta espaço para trabalhar, temperatura é alta e não há ventilação

quando o servidor ou médico necessita do transporte coletivo para voltar para casa. Esperam muito tempo e quando o ônibus passa não pára porque está lotado. "Isto é muito desagradável. O médico hoje é um operário e não pode mais viajar 100 quilômetros por dia de carro próprio para trabalhar", afirma Francisco Gomes de Castro.

INUNDAÇÕES

Segundo informações obtidas no hospital de Brazlândia, quando chove o prédio fica alagado. Existem problemas na encanação de águas pluviais. Os canos são pequenos e não dão vazão necessária para secar o local. Isto apesar de o hospital de Brazlândia ter uma estrutura um pouco acima do nível das pistas que dão acesso ao centro da cidade.

Também por causa das chuvas, algumas paredes estão com problemas de infiltração e mofo. Na sala onde funciona a administração da farmácia, por exemplo, a calha está furada e a água da chuva molha uma das paredes.

Além disso, segundo o próprio diretor, a instalação de uma central telefônica é necessária para facilitar a comunicação dos médicos com outras unidades e dos pacientes com o hospital. Após alguns minutos, a ligação feita do hospital é cortada.

Aparentemente o hospital de Brazlândia está razoavelmente conservado. Lá não existe um funcionário (engenheiro) responsável pela manutenção. Tudo depende do Departamento de Engenharia, mas o diretor Francisco Gomes de Castro afirma que "existe a maior boa vontade". Há cerca de dois meses duas caldeiras movidas a óleo diesel funcionam para abastecer o hospital de água quente e vapor d'água. Estas duas peças estão sem graves problemas de manutenção ape-

sar de três anos de vida e recuperadas para servir em Brazlândia depois de dispensadas do Hospital Regional da Ceilândia.

ESPAÇO

A sala de descanso dos médicos plantonistas é um cubículo pouco ventil